

ARTESANATO ROMANI

Butchí Vasteski – Feito a mão



Elisa Costa
Lucimara Cavalcante

ELISA COSTA
LUCIMARA CAVALCANTE

ARTESANATO ROMANI

Butchí Vasteski - Feito à mão

Primeira Edição

Brasília - DF
AMSK/Brasil
2022

Copyright © AMSK/Brasil

Todos os direitos reservados. Vedada a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou qualquer meio, produção, distribuição, comercialização ou cessão sem autorização do autor. Esta obra foi publicada no website www.amsk.org.br, para leitura exclusiva online. A utilização dos dados e informações devem ser descritos com os devidos créditos. Os direitos desta obra não foram cedidos. A violação dos Direitos Autorais (Lei n. 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

ISBN: 978-85-67708-08-9

Autoras: COSTA, Elisa. CAVALCANTE, Lucimara.
Título: Artesanato Romani: Butchí Vasteski - Feito à mão.
Edição: 1
Local: Brasília - DF

Contatos com as autoras: contato@amsk.org.br
Websites da autora: <https://www.amsk.org.br/>
<https://amskblog.blogspot.com.br/>

Associação Internacional Maylé Sara Kalí - AMSK/Brasil

Presidenta
Elisa Costa

Presidenta Honorária
Sebastiana Vidal († 1925-2019)

Fundadoras
Sebastiana Vidal (*im memoriam*)
Elisa Costa
Lucimara Cavalcante
Marcia Vasconcelos

Equipe Técnica
Anne Kellen Cerqueira
Ariadyne Acunha
Jamilly Cunha
Leda Oliveira Cruz
Maria de Fátima Marques
Priscila Godoy
Sônia Reis

Elaboração
Elisa Costa e Lucimara Cavalcante

Projeto Gráfico e Diagramação
Lucimara Cavalcante

Capa
Lucimara Cavalcante



Brasília
Sexta-Feira
08 de abril
2022



ARTESANATO ROMANI

Butchí Vasteski – Feito a mão



Edição de
lançamento
#01

AMSK/Brasil

O Decreto

Dia Distrital do Artesanato
Romani.

LEI Nº 6.917, DE 28 DE JULHO DE 2021
(Autoria do Projeto: Deputado Reginaldo Sardinha)

Institui e inclui no calendário oficial de eventos do Distrito Federal o Dia do Artesanato Români. O GOVERNADOR DO DISTRITO FEDERAL, FAÇO SABER QUE A CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL DECRETA E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º Fica instituído e incluído no calendário oficial de eventos do Distrito Federal o Dia do Artesanato Români, a ser comemorado no dia 8 de abril.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário.

Brasília, 28 de julho de 2021
132º da República e 62º de Brasília
IBANEIS ROCHA

Diário Oficial do Distrito Federal PÁGINA 1 e 2 Nº 142,
QUINTA-FEIRA, 29 DE JULHO DE 2021 – Seção 1 Poder
Executivo.

Documento assinado digitalmente, original em
<https://www.dodf.df.gov.br>



É pelas mãos da artesã, mulher da etnia Lovara, formada em Administração, mulher rural, mãe, avó, guerreira e resistente, que hoje podemos comemorar esse dia 08 de abril, como o Dia Distrital do Artesanato Romani. Foto: acima AMSK/Brasil
Abaixo uma cestaria produzida pela comunidade Lovara.



A Bandeira do Brasil e da Rromã (Povo Romani) – uma bandeira universal, criada no Dia 08/04/1971, o Dia Internacional da Rromã. Imagem:JR2Desing

AMSK/Brasil

O ARTESANATO ROMANI

O Artesanato Romani é um pedaço importante da memória dos “Assim chamados ciganos”. É o próprio trabalho manual, feito à mão, utilizando-se de matéria-prima as vezes natural, como as bonecas de palha de milho ou as cestarias – prática milenar dos Lovara.

Esse artesanato é uma peça única, feita manualmente e sem as precisões da indústria. Leva tempo, leva história e energia de quem produz. Tanto o artesanato quanto o artesão(ã) de etnia romani, fazem parte da Cultura Popular ou como diria Guimarães *fazem parte da argamassa que construiu esse país*. Brasília é um território de passagem. Tanto faz se for feito num lampejo de um(a) ourives – da ourivesaria praticada cada vez menos pela Rromã - em Brasília, mas aqui representada nas peças de ouro e de prata, dos rom e sinte. Entre histórias e memórias, vamos desenhando e colorindo essas terras, com ares de liberdade e sonho de Santo – Dom Bosco.

Não é por acaso que nesse mesmo dia se comemora o Dia Internacional da Rromã. Nada mais justo que tal celebração venha através dos sonhos e das mãos de uma mulher artesã. Sônia Reis – Comunidade Lovara/Rural de Brazlândia/DF.

A ourivesaria é geralmente feita para uma cerimônia, um presente específico como casamento, aniversário ou nascimento. Também há as bonecas, de pano, de retalho ou as saias, feitas entre as muitas gerações de mulheres em volta de panos, bordados e fitas e conversas muitas, sobretudo.

Outros deixaram e ainda deixam suas marcas, em especial atenção aos *pentos e aos vestidos* (especialmente os que vem do Sul e do Nordeste do país), deixando por aqui um pouco da história. Raras vezes são postos a venda, afinal de contas, carregam história.

Entre idas e vindas, muitos foram ficando. Há quem diga que se identificaram com o Egito. Assumindo os contornos da cidade, entre pirâmides e passarelas, viadutos e largos campos, desde 1960. Há quem diga que o Presidente na época era um Rom. Entre tantos afazeres, a data chega carregada de muitas lutas.

Um sonho real

Sônia Reis

AMSK/Brasil

Sônia Reis segue à risca com o artesanato Lovara, que trabalha com os materiais naturais e os transforma em ricas cestarias, flores e tantas outras peças. Ela transforma artesanato em “Política Pública”.

Página 4

O Cobre

A arte Kalderash do tacho

Alexsandro Castilho

Vai passando de geração em geração e nos últimos anos vem minguando. Hoje em dia, ainda transformamos as antigas panelas de alumínio em genuínos tachos.

Página 4

Realização



Apoio:



Elisa Costa

Artesã, romí/lovara, rural

A arte de encantar a vida

O artesanato também resiste, educa, ajuda na percepção de mundo tanto de quem adquire uma peça, quanto da(o) artesã(o) que trabalha. O artesanato sustenta famílias, sonhos e realidades. Foi assim que Sônia Reis transformou o seu artesanato em busca por direitos, lutando contra todo tipo de violência, contra a desigualdade social e ajudando especialmente mulheres e suas famílias a romper estereótipos e todo tipo de dificuldade. A romí Sônia Reis, Mulher de etnia Lovara e também uma mulher rural, da comunidade Lovara de Brazlândia, juntou o seu amor pelo artesanato e a luta pela dignidade humana e buscou junto aos órgãos competentes e na Câmara Legislativa do Distrito Federal (2019), com o deputado Reginaldo Sardinha, um dia no calendário para que todo aquele pertencente aos Povos Romani se orgulhasse e se visse reconhecido enquanto um povo cuja cultura permanece viva e presente.

Como mulher aguerrida, construiu a justificativa e fez nela constar um presidente de origem romani, Juscelino Kubitscheck, nada mais nada menos que o idealizador/fundador de Brasília.

Criadora do projeto **Ellos Feminino**, ela conecta o “Maria da Penha vai às escolas” e faz a diferença. Sônia Reis acumula reconhecimento e diversas premiações junto aos órgãos competentes e de direitos do Distrito Federal.



Foto da rosa: Acervo Sônia Reis.

Para além de tudo isso, Sônia Reis é uma artesã nata. Ela transforma em artesanato as memórias das tradições de família e passa adiante para filhas e netos, representando assim um povo que luta, trabalha e vive a esperança de um caminho para todos. Os avós vieram de Durango, um município da Espanha na província da Biscaia, comunidade autónoma do País Basco. Seu artesanato e sua vida, refletem exatamente esse caminhar. Conheça aqui um pouco mais sobre ela, na entrevista que concedeu a Camavalesca - REDE DE MEMÓRIAS, NOTÍCIAS E INFORMAÇÕES DO CARNAVAL DE BRASÍLIA, DO DF E ENTORNO <https://camavalesca.org/2021/08/25/povos-ciganos-presentes-na-cultura-do-df/> (Foto)

E há muito mais ... brincos e bijuterias artesanais, cestarias, comida e muito trabalho duro.

Contato:

comunidadeciganaronlovarasdf@gmail.com



Tacho de Cobre - Foto: acervo da AMSK/Brasil - Presente do Sr. Alexandro Castilho é rom kalderash.

Alexsandro Castilho - AICRON

Os tachos dos Kalderash

Uma releitura de uma tradição que permanece viva

Essa tradição está na minha família desde sempre. Hoje moramos em Aparecida de Goiânia/GO, são mais de 200 famílias. Brasília é rota de vendagem. Em 2013 fizemos uma pequena oficina a céu aberto e o tacho de alumínio foi feito ali, na hora, bem na Granja do Torto. Entre primos, sobrinhos, filhos e netos, as batidas do martelo e a forja improvisada foram dando formas a essa releitura do tacho de cobre. Esse é um artesanato que não podemos deixar morrer e talvez o mais conhecido de todos. Hoje só por encomenda. Entre Brasília e Goiânia ou indo para Alexânia, as vezes encontramos os tachos. Tudo Kalderash.



Foto: Tacho de alumínio, feito pelo Nélio Yancovich e Alexandro Castilho/(2018)

O que falta é espaço, para que possamos de fato mostrar a riqueza de quem somos. Brasília é e sempre será nossa casa.

Lucimara Cavalcante

A ourivesaria

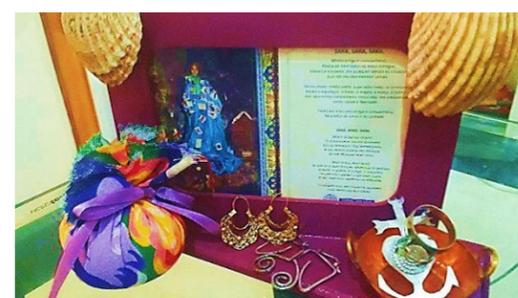
Para mim um orgulho

As peças simples ou rebordadas, são de ouro e prata. Aqui a herança deixada. Muito já não se faz com tanta facilidade outras são relíquias de família. Quem disse que não tem Sinte por aqui!

Abaixo: Acervo Stefanovsky



Ainda vamos falar do artesanato e das(os) artesãs(os) da cozinha, seus utensílios, suas receitas e suas andanças. Da perfumaria e dos cheiros. Ainda vamos falar dos remédios e das bebidas artesanais. Brasília tem um pouco de tudo isso. Teve até um presidente da mesma origem.



A cruz de Camargue é uma peça especial, assim como os brincos de prata. Acima: Acervo AMSK/Brasil

As peças de ourivesaria mostradas acima, são únicas e estão datadas desde 1960.

DO ARTESANATO.

Artesanato, quando falamos esse substantivo masculino em geral nos vem logo a imagem objetos decorativos, lembranças, coisas rústicas feitas sem muitos recursos. No entanto, não só são essas primeiras impressões, nem tão deveriam ser primeiras visões desse ofício, vejamos mais adiante algumas de minhas visões e sentidos. Como em sua origem etimológica, é uma criação manual de algum objeto que se torna um grande substantivo, é a arte de lapidar um sonho, um desejo, uma ideia. Do mais tradicional ao mais contemporâneo e sofisticado é um ato de um sublime estalo da mente que “escurega” pelas veias do corpo saindo pelos dedos dando formas a algo mentalmente perfeito.

Sou filho de uma costureira e rezadeira e um sapateiro onde pude vivenciar em toda minha infância, em meio as tantas dificuldades, o poder daquilo que é a maior técnica no artesanato, a tal da criatividade para a partir do que se tinha em mãos, tanto figurativa e literalmente, construía ou reconstruía objetos valendo-se da criatividade como ferramenta.

Nas sapatarias da vida aprendi muito a criar objetos com sobras, com pedaços e todo o “chorume” da produção de calçados soltados pelas mãos dos sapateiros. Também a ancestralidade oriunda do meu Povo Potiguara está arraigado em nossos corpos como elemento identitários, acionado ou não está lá.

Não importa as formas tipológicas, seja artesanato de uso doméstico, de uso para o trabalho, de produção e comercialização, ou do tipo primário ou secundário, é um dos ofícios mais antigos da humanidade e nos dias de hoje tem acento cativo quando se pensa em levar algo como lembrança dos lugares que passamos. Também nos diz quem o fez e de onde vem e porque estar nesse lugar, e mais ainda pode representar trajetórias, passagens e períodos no tempo, ser marca de um conjunto identitário de um povo, de grupo, de uma família... são tantas possibilidades e pessoas que dão as mãos, não a palmatoria, mas ao poder da criação.

O artesanato também carrega uma transversalidade com outra linguagem, aquela cachaça e tapioca feita artesanalmente hein! E os instrumentos feitos pelos próprios integrantes de grupos de culturas populares e tradicionais. Os livros produzidos com os próprios punhos né. É um ofício que concilia tanto uma coisa nata (dom), quanto algo a se desenvolver (aprendizado).

É tanta coisa e tanta gente com mãos perfeitas pelos calejos de sua vida que não é aqui ou em qualquer lugar que chegaremos ou alcançaremos sua plenitude. Ao produzir algo manualmente significa que uma parte de vocês tornou extensiva ao objeto nascido em suas mãos.

Já trabalhei um tempo em minha vida fazendo artesanatos com missangas, com recipiente de desodorante, fabricando times de “botão”, pulseiras com sobras de couros e fabricando caixas de sapatos, bem como uns 10 anos como ajudante de sapateiro nas sapatarias de bairros em fundos de casas como meio, como dizemos aqui no Nordeste, “de não passar fome”.

Por isso tenho o maior respeito e admiração por quem tem em sua prática diária o ofício do artesanato.

Rua Doze de Dezembro 08, Águas Compridas - Olinda 02/04/2022



Chiquinho de Assis

Francisco de Assis do Nascimento, também conhecido por Chiquinho ou Chiquinho de Assis e ainda Francisco de Assis nos meios profissionais onde atua. Educador Social há mais de 28 anos, Pedagogo, Professor, negro indígena (Povo Potiguara), militante educador do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua - PE desde 1.999. Professor de escola pública trabalhou cerca de 10 anos na Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE) com programas, projetos de educação patrimonial, elaboração de projetos culturais com povos e comunidades tradicionais e originários. Membro do Afoxé Alafin Oyó atuando na diretoria, coordenação pedagógica de programas e projetos da entidade, bem como compõe a equipe de palco. Desenvolve atividades de assessoria, consultoria e formações enquanto educador em gestões públicas e entidades privadas: de danças circulares, formação com crianças, adolescentes, jovens, povos ciganos, povos originários e comunidades quilombolas.

AMSK/RJ

Costurando a Vida

A arte de encantar a vida



Das mãos da Dona Irene de 83 anos ou da bisneta de apenas 4 anos, a arte das bonecas russas, passada de geração em geração. Kalderash e não nego.



Uma tradição ou melhor dizendo: um conjunto de tradições e entre muitas a arte das fitas e panos. As famosas casas de abelha, o recorte preciso e rebordado, a mistura dos panos e aquela vontade de presentear. São escapulários, rendas e bicos. Estandartes que outrora enfeitavam os carroções/vurdon ou mesmo os animais em dias de festa.



(Foto AMSK/RJ) Elisabete “Kutzmenda” Martinho, confecciona e borda manualmente os enxovais que atravessam gerações. Os escapulários e as bandeiras também. Em especial para as “Slavas” – Festas dos Santos de devoção.

Desde 2009 fazemos os escapulários sob encomenda. Mas desde sempre eles estão no carro, no guarda-roupa para dar cheiro, nos presentes de Natal e batizado. Nossa Senhora Aparecida, São Jorge, São Nicolau e Sara, não dá para quem quer.

Elisabete Martinho

As bonecas

Com nome, memória e respeito

1956



2020



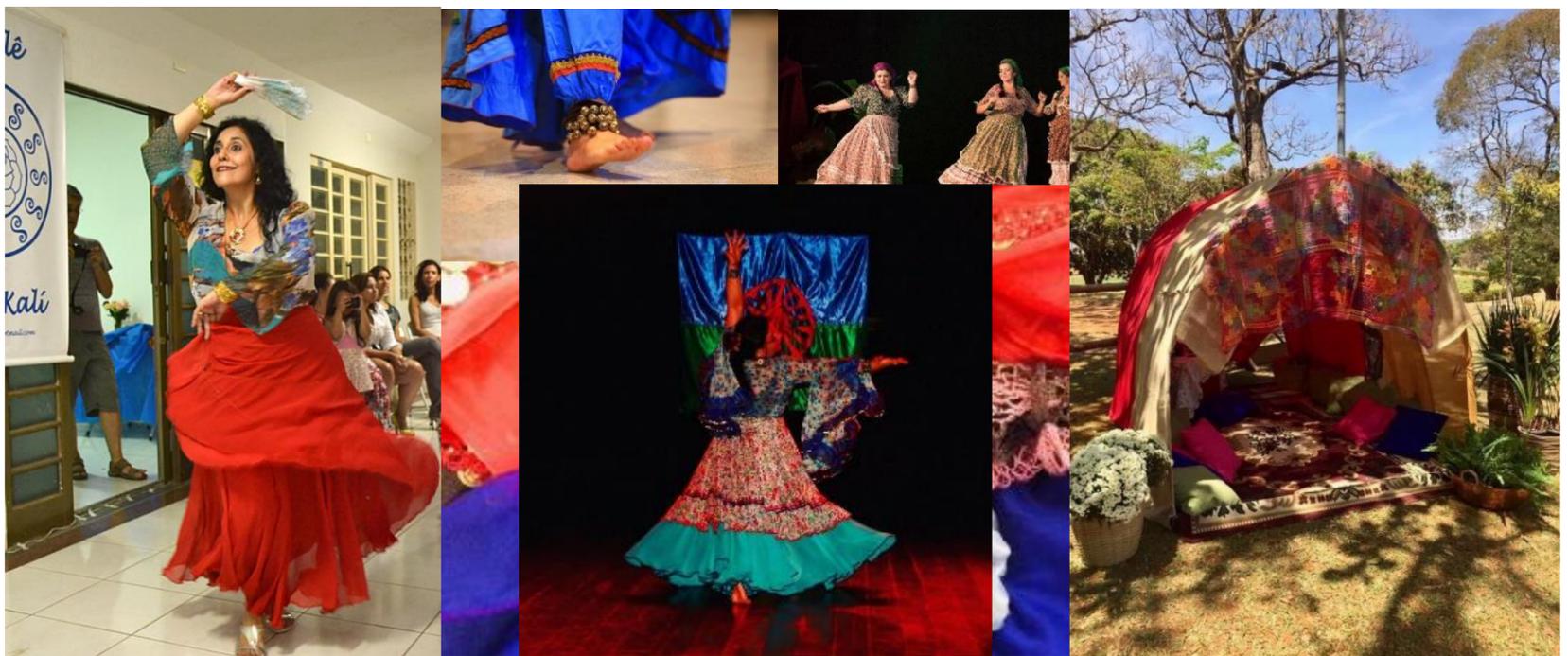
1989



Aqui na milha família, artesanato é assim. Me lembro da minha avó, minha mãe, agora eu, minha filha e minha neta. Vai caminhando junto com os estudos e é assim que tem que ser. Vamos conversando, contando as histórias, lembrando nomes esquecidos, relembando e reforçando nossos laços.



As bonecas russas de feltro são um abraço de resistência. O artesanato tem o dom de fazer isso: “De abrir o coração, seja lá a idade que tiver.”



Das tendas, das apresentações teatrais, das vestimentas e do dia a dia, um pouco do artesanato romani. Fotos: Acervo AMSK/DF - AMSK/Brasil.

Escrito a 4 mãos: *Vória, Lí, Sam e Sônia.*

Hoje tem Kumpanja

Da fabricação artesanal das vestimentas, lenços, fitas e tapetes, a vida acontece.

Para muitos pode ser folclore, para outros, pura imaginação. Desde que mundo é mundo, o Povo Romani, anda com suas Companhias de Dança, Teatro, Mambembe e de Circo. O que pouca gente sabe é que tudo ou boa parte do que se vê, é único, feito à mão. Artesanal e fazem parte do mundo das artes dos “Assim chamados ciganos”.

Aqui em Brasília, até final de 2019, você tinha pelo ao menos 3 grandes apresentações no ano e tudo feito, peça por peça. Do bordado dos lenços, da confecção da chapelaria para o teatro, das roupas que identificam o grupo – o braço familiar ou ainda o país de origem. Essas apresentações foram se reduzindo, porque houve um entendimento de que passar um pouco dessa cultura, precisava vir aliada *com respeito e com história.*

A LEI Nº 6.917, DE 28 DE JULHO DE 2021 chegou para esse resgate. O que pouca gente sabe e que pode até aparecer a “Fantasia de cigainha” para muitos, mas a trajetória da vida real dessas pessoas, de fato existe. Com e por meio do artesanato, sua cultura e tradição, avançamos em políticas públicas, na luta contra a violência, na garantia de direitos e numa educação que está além do misticismo e estereótipo. No final do dia, essas pessoas continuam sendo quem são e seguirão assim até o fim de suas vidas. O artesanato serve e sempre serviu para trazer a memória das trajetórias, das andanças e das construções históricas, muitas vezes apagadas pela Rromafobia*. Hoje, entre os trabalhos acadêmicos, sociais e autônomos ou como Funcionários público, mantemos e manteremos a nossa cultura milenar viva.

*Rromafobia - é o medo, aversão ou a profunda antipatia a pessoa romani

Memórias Itinerantes

Em frente ao circo, as mãos ágeis,
uma dobra,
outra dobra,
um desejo
e uma flor,
de bronze fino.



Na boda dos primos distantes,
o compasso dos pés,
em diálogo nobre,
com batidas festivas no cobre,
uma martelada,
outra pancada,
uma palma,
e um tacho, em instantes.

Na estrada, à noite,
os farelos recentes,
do pão quente, feito em forno,
de metal exposto as cinzas,
da fogueira de despedida,
do irmão morto.
Acusado, inocente,
Cigano.

Lágrimas claras,
escurecendo de saudade,
as saias plissadas em mil borboletas
e voltas, nas voltas,
do vurdon, do drom.
Memórias de vida, mãos e arte.

Brasília, 28 de março de 2022

Voria Stefanovsky

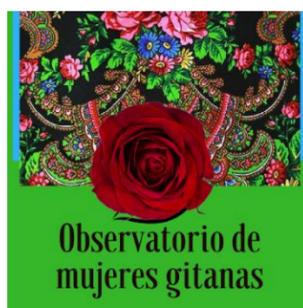
É uma mulher Romani/Gitana, formada em Periodismo pela Universidade Nacional de Honduras e Artes Cênicas e Plásticas pela UNB. Especialização em Direitos Humanos, Mestrado e doutorado em Literatura pela Universidade de Brasília.

Voria é pesquisadora com artigos publicados na área de literatura romani, gênero e mulher romani, estudos romani/ciganos e identidade.

Ativista, foi considerada a primeira mulher romani a defender um Doutorado na América Latina/2015.

Nômada até os 15 anos, aos 10 anos foi vítima de um ato racista, com a alegação de haver sido roubada pelos ciganos circenses da sua família, levada violentamente do convívio dos seus por 2 anos, recebe documentos e também um nome desconhecido, Paula.

Diretora do Observatório de Mujeres Gitanas no Brasil e na Argentina e junto com o coletivo de mulheres da AMSK/Brasil, coordena o #Dosta.





Fotos: Acervo AMSK/Brasil

“Construir algo do nada é fruto da nossa capacidade de nos adaptar” *Michel Kriston*

“Vou tecendo as mandalas de lã e pensando nas mulheres que vieram antes de mim” *Anne Kellen*

“Meu avó talhou a imagem de Sara, em agradecimento por ter sobrevivido ao Samudaripen”

Vória Stefanovsky

Tecendo poesia...

As mandalas coloridas ... sempre leva um pouco de quem faz.



Butchí Vasteski – Serviço de mão ou Feito à mão.

O artesanato romani pode ser erudito, quando chegamos aos tachos e o requinte da funilaria, sobretudo dos Kalderash que para além de fazerem todo o processo, ainda habitam na lembrança e na memória popular quando das caravanas que consertavam alambiques, ou ainda na escultura de reverencia religiosa, feita com entalhes em madeira. O artesanato traduz parte da cultura e identidade de um povo, e nesse caso, uma identidade transnacional.

Ainda vamos falar do artesanato e das(os) artesãs(os) da cozinha, seus utensílios, suas receitas e suas andanças. Da perfumaria e dos cheiros. Ainda vamos falar dos remédios e das bebidas artesanais. Brasília tem um pouco de tudo isso. Teve até um presidente da mesma origem. Dos músicos que construíram caminhos e teceram sonhos. Vamos falar de memória e história. Vamos falar de homens e mulheres nesse Brasil Romani. Da cultura e da literatura.

Esse é o primeiro caderno e esperamos que ele ganhe mundo. Que ele possa trazer um pouco do que Brasília e o Distrito Federal tem de identidade do Povo Romani – os assim chamados ciganos, que aqui chegaram, em nome de uma amizade e de algo novo, nessa terra de passagem e residência, de orgulho e conquista, de direitos, de justiça e de resistência. Uma terra de kumpanja. Um Brasil Romani.

Em 2013 algumas mandalas encantaram muita gente, a tradição remonta séculos e está presente na família desde então.

“Não se trata de juntar trapos ou restos. Tem muita coisa por aí que não diz nada sobre nós. Nem quem somos e muito menos honra nossa trajetória. Somos de carne e osso, não somos os filhos do vento”.

1º Encontro de Mulheres Ciganas/2016



O ATO DA ARTE

A resistência da arte.



Caminhar é preciso e temos caminhado. Entre um passo e outro, estamos aqui...nessa terra seca, árida, construindo cada qual do seu jeito. Sobrevivendo e aprendendo a viver.

Do lombo de burro à lona do circo. Do sapateiro á bordadeira, do cueiro ao xale, do pente de cabelo ao tacho de doce.

Faz caneca, coador de pano e serve café. Varre o tapete da tenda...escuta a sina e distribui a sorte.

Do ofício primeiro, secular e milenar, tudo desagua em Brasília, até mesmo para quem não apontar.

E com quem você acha que o soldador aprendeu a soldar?

A madame aprendeu a limpar o tacho ou o areado das panelas?

Não me diga que não conhece as rosas de pano, do pente torcido, da fita estampada?

Tem escapulário e bandeira. Talho de madeira, de estaca a ponteira.

Tem a fé barulhenta das moedas, das cordas de um violão ou do tilintar das colheres.

Da mistura primeira, tem balaio para todo gosto. Tem capanga para todo encanto.

Foi assim que se bordou a vida,

Pelas mãos de muitos e muitas e das nossas também.

Tem história e tem memória,

Dessa terra Brasília, também construída por nós.

Opre romale, chavale, romiale.

Assoc. Mayle Sara Kali - AMSK/Brasil

Brasília, 30 de julho de 2021

Realização:



Apoio:



Organizações Representativas/parceiras:

Assoc. Int. da Cultura Romani Brasil - AICRON

Romani Federação Sul-mato-grossense de Cultura e Etnia Cigana - ROMANI

Grupo Leshjae Kumpanja - AL

Români - Academia de Letras do Brasil - ALB

Comunidade Rom/Lovara - DF

IRU - Diretor de Cultura no Brasil - Michel Kriston

Parceiros:

Observatório de Mujeres Gitanas - Argentina/Brasil

Urban Nômads

Conselho de Mulheres Romani da AMSK/Brasil

#Dosta - #Basta

Que a herança de um povo, nunca seja a fome, a miséria, o preconceito, o racismo e a discriminação.

Kalinka.

